

## OLHARES PLURAIS DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA: Valores éticos, estéticos e políticos

*PLURAL VIEWS OF CHILDHOOD EDUCATION: Ethical, aesthetic and political values*

Luzia Batista de Oliveira Silva<sup>1</sup>

<http://dx.doi.org/10.52641/cadcaj.v6i4.507>

**RESUMO:** Este artigo objetivou analisar os olhares plurais da educação da infância e, mediante dados estatísticos, refletir sobre a condição da infância no Brasil, América Latina e no Mundo, destacando a relevância da educação na formação da criança e do adulto. Discutiu-se sobre a proteção e segurança da criança e o direito de ela ter à infância a fim de compreender sua complexidade perante algumas concepções que perpassam o campo educacional. Apresentaram-se os olhares plurais sobre a infância na perspectiva da condição social e humana no que tange aos valores estéticos, éticos e políticos; valores que contribuem para a afetividade, a criatividade, a sensibilidade e a percepção de si e do mundo; valores que dizem respeito ao direito de ela ter assegurada a própria vida, sem ser danificada, explorada, subjugada, denegrada ou sofrer qualquer tipo de violência; valores que incluem a cidadania do ser criança, com direito a ter infância, frequentar uma escola e sociabilizar-se com o outro na partilha da vida no mundo.

**Palavras-chaves:** Educação, Infância, Olhares Plurais

**ABSTRACT:** This article aimed to analyze the plural views of childhood education and, using statistical data, reflect on the condition of childhood in Brazil, Latin America and the World, highlighting the relevance of education in the formation of children and adults. It was discussed the protection and safety of children, such as their right to childhood in order to understand its complexity in view of some conceptions that permeate the educational field. Plural views on childhood were presented from the perspective of the social and human condition with regard to aesthetic, ethical and political values; values that contribute to affectivity, creativity, sensitivity and perception of oneself and the world; values that concern the right to have their life assured, without being damaged, exploited, subjugated, denigrated or suffering any type of violence; values that include citizenship of being a child, with the right to have a childhood, attending school and socializing with others sharing life in the world.

**Key-words:** Education. Childhood. Plural Looks.

---

<sup>1</sup> Bacharel e mestre em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP, doutora em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo - FE/USP, pós-doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da PUC-SP e pós-doutora com estágio pós-doutoral em Filosofia pela Faculdade de Filosofia da Universidade de Borgonha, Dijon-FR. É docente no Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da Universidade São Francisco, na cidade de Itatiba-SP. Líder dos Grupo de Pesquisa: TCTCLAE – Teoria Crítica e Teorias Críticas Latino-Americanas e Educação (área da Educação - CNPq/USF) e Estética, Formação Superior e Infância (área de Filosofia da Arte - CNPq/USF). E-mails para contato: [lubaos@gmail.com](mailto:lubaos@gmail.com) / [gptctclae@gmail.com](mailto:gptctclae@gmail.com)

## 1. INTRODUÇÃO

Trata-se, neste texto, de um assunto complexo que pede por olhares plurais sobre a infância, o que significa considerar que, muitas das “benesses” próprias do ser criança, como o direito à vida, a brincar e a ter infância, podem estar ameaçadas ou ignoradas quando a violência se instaura, no lar da criança, com os familiares, na escravização por trabalhos, nos abusos e pedofílias que causam dores, sofrimentos, depressão e suicídio. Ressalte-se, também, que fazem parte da discussão, proposta neste artigo, a miserabilidade, a exclusão social, a dificuldade do acesso à escola, a falta de assistência psicológica, levando, com isso, muitas crianças à invisibilidade e à morte .

É imprescindível, do nosso ponto de vista, um olhar amplo, plural sobre a infância para que possamos bem compreender a importância da educação do corpo, das sensibilidades e dos afetos, assim como, a insensibilidade de muitos adultos, que, por vezes, muito ocupados com trabalhos e afazeres se distanciam das crianças; insensibilidade que, muitas vezes, torna os adultos incapazes de ver e ouvir a infância com olhos de grandeza, de amor, de respeito e generosidade; muitas vezes, incapazes de identificar e de dizer não para qualquer tipo de exploração, discriminação, violência e autoritarismo para com a infância; incapazes, ainda, de contestar qualquer forma de escravização, maus-tratos e abusos praticados contra ela.

Essa insensibilidade – reiteramos – a tudo isso é que impede a criança de manifestar sentimentos no presente, supondo-se que, no futuro, ela vai esquecer, já na vida adulta, tudo o que passou de ruim, de negativo, na infância, porque dizem que esquecemos os sofrimentos vividos na infância, visto que o tempo cura tudo e que as terapias fazem milagres... Não, não esquecemos o que vivemos na infância porque carregamos a infância dentro de nós. Somos impregnados dela... O tempo não pode curar dores vividas na infância enquanto elas não forem trabalhadas, exorcizadas e apaziguadas. Mas cabe ressaltar que as terapias não são milagrosas, elas ajudam a diminuir dores e sofrimentos de vidas despedaçadas, mas não têm, como tarefa, refazer a vida da pessoa que não teve uma infância protegida. As terapias não podem ir aonde o sujeito não permite. Elas podem ajudar, sim, a compreender o lado triste, sombrio de uma infância sofrida. Mas é relevante salientar que nem todos têm acesso às terapias, que nem todos têm chance de sobreviver para passar por um tratamento que possibilite a diminuição da dor e o perdão de si e do outro que causou o sofrimento (RICOEUR, 2007), que nem todos têm coragem de abrir a 'mala dos sofrimentos' e pedir ajuda ou, até mesmo, reconhecer uma ajuda.

## 2. OLHARES PLURAIS DA EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

Destaca-se, por isso, a importância de uma educação que saiba enxergar o potencial de cada criança, que não rotule a criança como “inteligente ou burra”, “feia ou bonita”, “comportada ou rebelde”. O comportamento e as ações infantis são partes de um ser humano que tem uma história, que está em processo de formação, que tem ideias, opiniões mesmo que ainda não esteja muito claro o que sabe, o que quer e o que pode ou não responder e corresponder àquilo que é esperado dela pelo adulto.

Como qualquer outro ser humano de qualquer idade, a criança merece uma educação “humanizada/humanizadora” – com saberes, conhecimentos e refinamento espiritual; uma educação ética, estética e política – com brincadeiras, criatividade; com regras, orientações de convivência pacífica e democrática; com ações que as faça perceber a valorização dos educadores e dos responsáveis no processo de educação formal e informal, considerando que é fundamental uma sociedade que seja uma escola para a criança (BACHELARD, 1977), que a educação que ela recebe não seja carregada de ranços, rótulos, preconceitos e ideias distorcidas sobre o outro, mas uma educação em que o adulto reconheça o direito de integridade da criança, o direito de brincar, de frequentar uma escola, de sonhar, de ser livre para pensar, de ser respeitada mesmo quando seu pensamento e ideias estiverem equivocados e, se necessário, corrigidos, o direito de ela ser um ser cultural e histórico, de sociabilizar-se e educar-se pelo diálogo amoroso (FREIRE, 2014a, 2014b), ter uma família biológica, adotiva ou social, ter amigos, segurança, ser tratada com cordialidade, afetividade e generosidade, direito de não ser tratada como um ser ignorante, sem conhecimento, sem formação.

### 2.1. DADOS DO IBGE/2018-2019 / UNICEF/2016 E OUTROS SOBRE INFÂNCIA

Os dados que mostram os problemas da infância no Brasil e no mundo são assustadores. A desnutrição de crianças, no Brasil ainda é muito acentuada nas comunidades indígenas. De acordo com a Unicef (2020), são assassinados, por dia, no Brasil, 32 crianças e adolescentes. Também é problemática a situação de crianças que trabalham no Brasil. Em 2016, o IBGE considerou que existem cerca de 2,3 milhões de crianças trabalhadoras. Também chama a atenção a mão de obra infantil na América Latina: cerca de 28% de nossas crianças latino-americanas trabalham. Crianças e adolescentes que não têm acesso à internet: aproximadamente 4,8 milhões em 2020. A pandemia não deixou opção para a família a não ser o ensino remoto. Essas crianças tiveram mais

dificuldades, assim como, os pais ou responsáveis porque, além de precisar cuidar delas em casa, tinham que ir até a escola buscar as tarefas e ainda tentar ajudá-las a fazer as atividades escolares. Muitos pais, despreparados e sem condições, no sentido de formação escolar, para ajudá-las, da maneira como seria necessário, contribuíram para acentuar, ainda mais, a desigualdade dessas crianças no processo de escolarização com relação a outras crianças.

Outros dados também chamam a atenção, no Brasil: a cada 1 hora, 3 crianças ou adolescentes sofrem abuso sexual. O “*Estatuto da Criança e do Adolescente faz 30 anos sob ataque e sem completa efetivação*” – palavras dos especialistas e dos jovens que refletem sobre as conquistas e o futuro dos direitos das crianças e adolescentes<sup>2</sup> (SOUZA, 2020). Outra reportagem que também chamou a atenção sobre a situação da criança no Brasil: “*Brasil registra 6 abortos por dia em meninas entre 10 e 14 anos estupradas*”<sup>3</sup> (MAGENTA; ALEGRETTI, 2020). São dados assustadores e nada pode justificá-los. Como aceitar tamanha perversão? Crianças em sofrimento devido ao abuso sexual e violência. Abuso, gravidez e aborto que colocam em risco a vida, a estabilidade psíquica e emocional dessas crianças.

A pandemia em 2020 aumentou as atividades criminosas de abusadores e pedófilos. O isolamento deixou a vida cara a cara com o criminoso, acentuando a dor, o sofrimento e a tragédia da infância. Dados da Associação Nacional dos Registradores Civis de Pessoas Naturais (ARPEN BRASIL, 2020), apontam que “mais de 80 mil crianças foram registradas sem o nome do pai em 2020”.

O crime sexual contra crianças e adolescentes é uma questão vergonhosa no Brasil e também no mundo e merece a atenção e o respeito das autoridades competentes para ajudar a resolver uma situação vexatória, inaceitável, insustentável; tipo de crime que colabora para manter a situação vigente *ad infinitum* e marcar as gerações do futuro com o signo da exploração, da indiferença, da violência tolerada, do que não é aceitável como aceitável, e a permissividade como coisa do destino e como passíveis de violação, a condição de pobreza e a miséria das pessoas. Assim, uma pessoa vítima desse tipo de violência é a culpada pelo fato de ser bonita, atraente e, por isso, chamar a atenção do abusador, um ser esquizoide, nefasto, que deveria ser retirado da sociedade pelo mal que causou (muitas vezes, para sempre) a crianças e até a adultos.

Estamos caminhando, neste compasso, para uma geração de pessoas infelizes e deprimidas por terem passado por uma infância triste; 'fardo' que vão carregar para o futuro ou mesmo sofrer, no presente, a dor que trazem do passado, colapsando com os problemas do presente e as

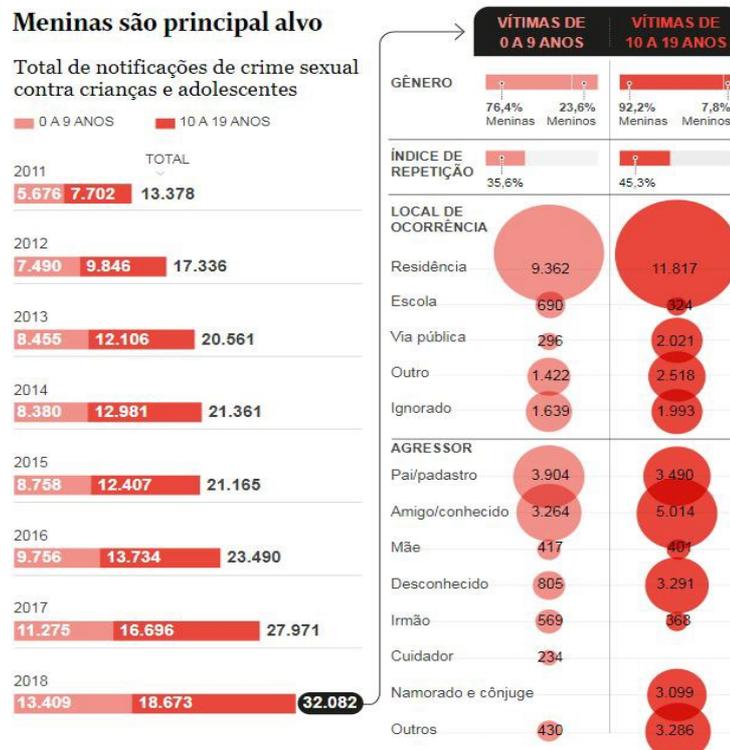
---

<sup>2</sup> Reportagem intitulada - “*Estatuto da Criança e do Adolescente faz 30 anos sob ataque e sem completa efetivação*”, de Marina Duarte de Souza, Brasil de Fato, São Paulo, 13/07/2020.

<sup>3</sup> Reportagem intitulada - “*Brasil registra 6 abortos por dia em meninas entre 10 e 14 anos estupradas*”, de Matheus Magenta e Laís Alegretti, BBC News, Brasil/Londres, 17/08/2020.

obrigando a desistir da felicidade e de ter uma vida, minimamente, “normal”, o que, de certa forma, justifica, em parte, o aumento de suicídios, depressões e outros problemas como a violência e as doenças.

Os dados abaixo se referem às vítimas: meninas e meninos, de 0 a 19 anos. O que preocupa é que o principal local das agressões é onde elas não poderiam/deveriam ocorrer: o lar da criança/adolescente, e o agressor/violador/criminoso é membro da família da criança/adolescente. Estes dados também ajudam a compreender que a questão financeira não elimina a agressão contra a criança/adolescente, que o status social não garante a paz e nem o direito à infância que todo ser humano deve ter.



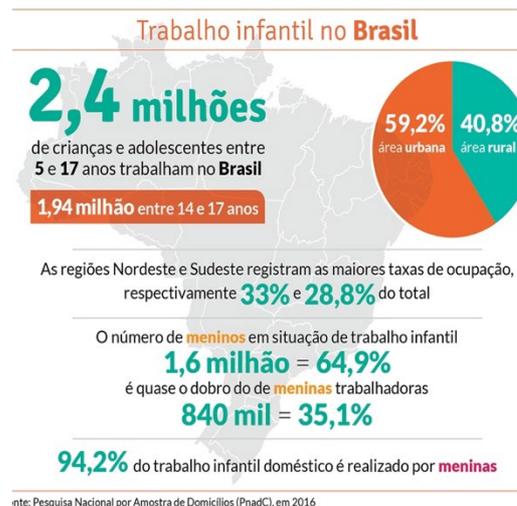
**Fonte:** Ministério da Saúde/BR – 2011-2018

Os dados gráficos abaixo revelam uma situação mundial: são 152 milhões de crianças de 5 a 17 anos “trabalhadoras”; 10 milhões são vítimas da “escravidão pelo trabalho”. É como se tivéssemos vários países em que sua população inteira é criança trabalhadora ou criança em regime de trabalho escravo. São dados vergonhosos que expõem nossa incapacidade de proteger a infância, de garantir direitos mínimos na infância, de não matar a infância, de não permitir tantas vítimas do presente. Os dados mostram a situação da infância no quesito trabalho ou escravização pelo trabalho, no mundo, na América Latina e no Brasil, no ano de 2016.



**Fonte:** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2016

Nos dados abaixo, temos a situação da criança/adolescente, trabalhador no Brasil: são 2,4 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos de idade trabalhando, 64,9% destes trabalhadores são meninos. Contudo, o trabalho doméstico, quase sempre ignorado, é exercido, em 94,2 %, por meninas.



**Fonte:** Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2016

O perfil e o percentual nacional da criança no Brasil, de acordo com o IBGE/PNAD (2018), tem a seguinte configuração: A cada 100 pessoas no Brasil, 17 são crianças de até 12 anos de idade. A cada 100 crianças no Brasil, 51 são meninos e 49 são meninas. A cada 100 crianças, 84 vivem em área urbana e 16 em área rural. A cada 100 crianças, 50 são pardas, 42 brancas, 7 pretas e 1 amarela ou indígena. A cada 100 crianças, de 5 anos, 24 sabem ler. A cada 100 crianças de 12 anos, 99 sabem ler.<sup>4</sup> (IBGE/PNAD, 2018).

<sup>4</sup> IBGE, Pesquisa por Amostra de Domicílios (PNAD), 2018.

Por esses dados do PNAD (2016), compreende-se a situação dramática do presente que tende a se acentuar no futuro. Se a cada 100 pessoas, apenas 17 são crianças, isso significa que menos de 20 % da população são crianças. Cabe, então, a pergunta: uma infância não assistida, violentada, ultrajada, ignorada, dará assistência, ao adulto que foi negligente com sua vida de infância? Desses 17%, quantas serão assassinadas e quantas sobreviverão aos adultos destruidores de sonhos, vidas e esperanças? A cidade é onde mais temos crianças. Com menor contato com a natureza, com a terra, com os animais, teremos, no futuro, pessoas que amarão a vida no campo e o protegerão? Seremos capazes de ensinar o amor pela natureza às nossas crianças? Seremos capazes de fazê-las sentirem-se partes da natureza? Os pardos são maioria, o que será que "justifica a discriminação pela cor no Brasil" e por que ela é tão violenta.

Dados preocupantes também são os que tratam da queda na taxa de crescimento dos mais jovens, de acordo com o IBGE (2020). Existe uma queda na proporção do número de pessoas abaixo de 30 anos de idade, cuja estimativa em 2012 era de 47,7% da população. Em 2019, caiu para 42,3%. O grupo de idade que sofreu a maior queda foi o de pessoas de 10 a 13 anos de idade - uma queda de 6,8% para 5,5% ; o de 14 a 17 anos de idade - queda de 7,2% para 5,9%. A população está ficando mais velha. Por isso, precisamos cuidar das crianças para ter apoio e contar com a companhia delas na velhice. Precisamos combater a violência e o abuso na infância para não nos privarmos de sua companhia, porque, assim, teremos uma velhice mais serena ao fazer 'o dever de casa' com amor e sabedoria, isto é, cuidar bem de nossas crianças para que elas sejam o que elas quiserem no futuro, sem precisar nos temer e fugir de nossa companhia.

A situação das crianças no Brasil e no mundo – Todas pertencem a determinada classe social, etnia, lugar de vivência/convivência, de construção de experiências, de desenvolvimento de potencialidades humanas e que precisam ser respeitadas para desabrochar com vigor e contribuir para construir uma situação da infância com menores danos hoje e projetar para uma infância sem danos no futuro. Proteger a infância, hoje, é investir no adulto do amanhã/do futuro.

Todas as crianças estão inseridas num processo de educação formal e informal e estarão, diretamente ou indiretamente, influenciadas pelas concepções, culturas, história de vida de um grupo, comunidade, bairro, cidade, teorias, conceitos, preconceitos, injustiças e desigualdades praticados pelos adultos pobres ou ricos. Muitas crianças são abandonadas e muitas terão imensa dificuldade para serem adotadas; outras crescerão sem adoção. Milhares de crianças, no mundo, terão experiências positivas e experiências traumáticas na infância. Como as sequelas dessas experiências serão trabalhadas no futuro? Como os países têm se preparado para contribuir para o apaziguamento e superação dos traumas na infância? Como as sociedades, no mundo, veem essas questões e trabalham para proteger e cuidar da infância?

## 2.2. REALIDADES PLURAIS DA CRIANÇA NO BRASIL E NO MUNDO

É imensa a quantidade de crianças que passam fome no planeta, mas também é grande a quantidade de crianças que não sabem – como muitas crianças sabem muito bem – o que é “passar fome”; não sabem o que é não poder se alimentar ou não poder escolher o que comer. Existem as crianças que se alimentam além do necessário, enquanto há outras que não se alimentam o suficiente para ter saúde, crianças que morrem por falta de alimento que lhes garanta a vida. Há crianças que pertencem à elite, outras, à classe média, outras à classe pobre e as crianças “da miséria”. Há crianças que têm diversão, viajam, visitam museu, jardins, praças e parques e há aquelas que não têm diversão, trabalham, algumas são até escravizadas; são crianças que não sabem o que é um museu, que nunca foram a um parque, que nunca foram a um restaurante, a um shopping e há, ainda, as que agonizam na miserabilidade e na crueldade do adulto que lhes é próximo; as que trabalham para se sustentar e nem sabem por que trabalham tanto e o quanto vale seu trabalho, enquanto há as que não sabem o que é trabalhar, nem sabem quanto custa pagar para viver; estudam e são acompanhadas pelos adultos; há as que, mesmo cansadas, frequentam uma escola, depois de trabalhar e as que sequer frequentam uma escola. Há crianças que fazem trabalhos que colocam em risco suas vidas frágeis e desprotegidas; as que sofrem nas mãos de pessoas violentas, abusadores sexuais e pedófilos; crianças que são abusadas e se calam ou são silenciadas, agredidas, assassinadas; crianças saudáveis, doentes, deficientes. Há crianças maltratadas por qualquer problema e crianças mimadas em excesso. Todas são crianças com potencial para ser trabalhado na sua educação formal e informal. A violência contra a criança não tem classe social. Basta ver o filme sueco-dinamarquês *Festa de Família*, de 1998, do diretor Thomas Vinterberg. Trata-se de uma narrativa de um patriarca dinamarquês acusado de abusar dos filhos. Sua lógica é “utilitarista” referido-se aos filhos: “eles não serviam para nada”.

## 2.3. VALORES ESTÉTICOS, ÉTICOS E POLÍTICOS NA EDUCAÇÃO DA CRIANÇA

Os valores estéticos têm a ver, na infância, com criação, com o aprendizado sobre o que é belo/bonito e feio/repulsivo, com o que nos agrada na aparência, no cheiro e no paladar, as sensação pelas cores, como a percepção das coisas e o gosto aprendido. Como usar a criatividade e a imaginação da criança para criar bem-estar, conforto, segurança, distração, divertimento e aprendizado? Pode-se trabalhar com desenhos, pinturas, massa e barro para modelar, aprender a

criar formas, aprender a ouvir e contar/criar histórias, brincadeiras e brinquedos, ter contato com os elementos da natureza – terra, água, fogo, ar; ensinar a sentir a presença do ar, aprender a respirar desde a mais tenra idade, aprender a valorizar a terra em que pisamos, sua beleza com plantas e jardins, nossa vida em cima dela, aprender a valorizar a água, seu valor para nossa sobrevivência e nossas diversões, como o mar, rios, lagos, açudes, sentir a presença do fogo, que nos aquece, que aquece nosso alimento, que é responsável pelo cozimento dos alimentos, aprender a devanear, fazer viagens imaginárias, sonhar de olhos abertos, um ser acordado imaginando um mundo real para amar e viver (BACHELARD, 1996).

Também são relevantes, nesta educação da criança, as regras, os cuidados com o corpo, o aprendizado sobre o respeito ao outro, o amor fraternal, o carinho com todos – pessoas, animais, plantas, a vida de todos os seres; relevante, também, é aprender a compreender por que qualquer tipo de preconceito pelo outro é uma vergonha porque discrimina, aprender o valor da amizade, do afeto pelo outro ou por qualquer ser vivo, distinguir, sabiamente, quem machuca e quem ama, quem educa e quem viola seu direito à educação, aprender sobre o cuidado de si e do outro, aprender que quem ama não machuca, não causa sofrimento, não silencia ante a dor do outro e nem o faz sofrer. Aprender a dividir espaços, saberes, diversões em grupo, comemorações coletivas, sobre a família, o que significa ser amigo e ter amigo, poder ter uma família e ser membro dela.

Sobre a criança, Isabel Cunha Fontana (1999, p.15), na obra *Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo*, conta a saga das crianças abandonadas na cidade de São Paulo e nos ensina que “A história do Brasil é também a história da criança brasileira. É uma história de tragédias cotidianas: de crianças filhas de escravos que eram vendidas e separadas de seus pais; de abandono de recém-nascidos nas rodas dos expostos; de trabalho infantil, na condição de escravo ou de assalariado, no mercado formal ou informal...”

Parece que se trata de uma história longínqua, mas, infelizmente, ela não é tão antiga como gostaríamos e nem tão bonita e colorida como muitos a colorem. Contudo, “...também é uma história de afetos, de construção de um universo lúdico peculiar, de solidariedade e de movimentos de defesa organizados por aqueles que reconhecem na criança seus atributos de cidadania e seus direitos inalienáveis, a serem garantidos e respeitados” (FONTANA, 1999, p. 15-16).

Nas ruas de São Paulo, como em outras ruas das cidades do Brasil, ainda nos deparamos com essa situação, sem contar os assassinatos de crianças negras e pobres nas favelas das grandes cidades, como no Rio de Janeiro, fatos a que assistimos, indignados e envergonhados; crianças que incomodam, crianças que estão aprendendo cedo a ficar invisíveis, crianças que são alvos fáceis e que são silenciadas como nenhum animal é silenciado no matadouro.

A violência e a discriminação são sintomas dessa tragédia cotidiana do Brasil e, conseqüentemente, também da “criança da miséria”, separada e vendida ao mercado de exploração e continua ainda sendo objeto de ataque, exploração e violência por aqueles que ignoram que não mais vivem no mesmo mundo de outrora e que numa sociedade democrática não deve haver proteção aos eleitos da sorte e bem-aventurados e afortunados em detrimento dos menos favorecidos economicamente e socialmente, visto que, numa democracia, deve haver uma convivência civilizada e pacífica entre todos.

Criança nas ruas também podem ser vistas na América Latina, no filme: *Los olvidados* (os esquecidos), nas ruas da cidade do México nos anos 50. O filme é de Luís Buñuel. A miséria está menos nas ruas do que nos chamados lares, improvisados. Muitos não servem como moradia para um animal, mas servem para um ser humano habitar. Servem? Os dramas se passam dentro dos “lares”, assolados pela fome, miséria, pobreza, abuso, exploração. É o que se vê no filme *Los olvidados*. A mãe do personagem chamado Pedro nem sabe por que ela é mãe de uma criança que ela não pediu. Pela sua fala, pode-se entender que isso ocorreu sem o seu consentimento. Por isso, pode-se dizer que ela foi violada ainda impúbere e dessa violação nasceu um filho. Ela tão criança e sendo mãe de uma criança que jamais desejou! Onde encontrar força para amar essa criança? Mas, o filho adolescente exige o amor a que ele tem direito, sem compreender, no entanto, a incapacidade de amar daquela mãe, desprotegida, frágil mesmo sendo mãe de outros filhos. Pedro, como qualquer outro adolescente pobre, trabalha para ajudar em casa e, no tempo livre, brinca com o material que tem à mão. Tenta, a todo custo, defender aquilo em que acredita. É ignorado pela mãe e pelo orfanato e afrontado por outro adolescente que lhe tira a vida. O

filósofo ensaísta, Walter Benjamin, nas obras *Rua de mão única* (2009), *Reflexão sobre a criança, o brinquedo e a educação* (2002), considera que a criança entende melhor a importância dos brinquedos e das brincadeiras quando ela mesma cria, sentindo-se construtora de algo que tem sentido para ela. Cria a partir de sobras de madeira, plástico, tecido, papel. As crianças podem construir seu universo e seus brinquedos se o adulto não criticá-las, nem impedi-las de criar alguma coisa sem preconceito, maldade, violência.

Benjamin (2009) alerta-nos que “Pobreza não é desonra”, mas o pobre, geralmente, é desonrado, afrontado e humilhado. Hoje, no mundo todo, milhares de refugiados – muitos em campos de internamento, privados de liberdade e oportunidade para dialogar – são seres encurralados, esquecidos; os vencidos sociais, os desvalidos e deserdados, os condenados da terra (FANON, 1979); os refugos humanos (BAUMAN, 2005). No Brasil, ocorre, com frequência, assassinato de membros da população negra e indígena. Existe uma indiferença – que nem sempre pode ser contestada pela educação, mas é sabido que ela é ignorada pela economia e pelo

capitalismo, que visa o lucro a qualquer preço – que ‘destrói, aniquila vidas’ faz a vida parecer mais triste e sem sentido.

Benjamin (2009) lembra, em *Rua de mão única*, o antigo uso da *libatio* (oferta, bênção) – o costume de fertilizar a terra com frutos que “sobram”. Não se trata de crença na bênção, mas, sim, de impedir que ocorram a ganância e a exploração da terra sem algum tipo de controle. Em sentido contrário, estamos vendo todo tipo de exploração e depravação capitalista pela exploração da terra e de seus recursos. A mãe natureza virou a besta da terra e nós, os filhos órfãos de uma mãe assassinada.

#### 2.4. O UNIVERSO DA CRIANÇA E A INFÂNCIA PARA ALGUNS AUTORES

O biólogo François Dagognet (1986), na obra *Bachelard*, considera que a infância é transtemporal. Por isso, uma ação ou experiência humana com a natureza é uma experiência única, significa dizer que a criança se sente a primeira e única diante da natureza e com a natureza. É fundamental compreender que a criança tem poder para surpreender os adultos quando em contato com a natureza, seja num quintal, se tiver um, com as plantas para cuidar, jardins, hortos, mares, rios, florestas. É importantíssimo garantir a ela um mínimo de contato com os elementos da natureza, a convivência com animais de estimação e com os que estão ao nosso redor, mas que não são domesticados: lagartixas, pássaros soltos, borboletas, abelhas, joaninhas entre outros.

A escritora, jornalista, poeta, cronista, mãe de três filhas, Cecília Meireles (1983), em sua obra autobiográfica, *Olbinhos de gato*, nos brinda com lições de sensibilidade, amor, com relatos de sua vida de criança órfã lutando muito cedo para vencer a morte que abateu sobre quase todos da sua família, lutando para aprender com os vivos ao seu redor, com o encanto que a vida pôde lhe oferecer, com as dádivas das pequenas coisas e gestos. Sua babá Pedrina com sua alegria, ingenuidade e simplicidade muito lhe ensinou sobre a vida; também aprendeu muito com sua avó e Pedrina, diante das visitas, as duas mulheres tentando, com o olhar, chamar a atenção da visita sobre a presença da criança e os comentários sobre a morte absurda de crianças na cidade do Rio de Janeiro, causada pela varíola.

Contudo, a visita nem sempre compreendia que uma criança seria capaz de compreender uma atitude do adulto; por exemplo, as saídas de Cecília com a babá pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro para levar sobras de comida aos pobres abandonados, sua presença nas casas de candomblé, o seu adeus à mãe no caixão “–beija a mamãe...”; aquele rosto frio e inesquecível para

uma criança de três anos de idade; a ternura expressa através dos apelidos carinhosos: *Olhinhos de gato* (Cecília era assim chamada); *Dentinho de arroz*, era Pedrina, *Boquinha de doce*, sua avó Jacinta.

Cecília recebeu uma educação em casa sem preconceito e nos ensinou sobre essa educação. Considerava relevante a convivência com os desafortunados nas ruas de uma cidade que abandonou os negros pobres ao deus-dará, a piedade para com os animais e as pessoas mais humildes. Exemplo disso – o caco de vidro que recebeu de presente de um aluno depois de uma apresentação das cores com um caleidoscópio. A criança deu-lhe de presente o que tinha: um caco de vidro colorido. Quando abriu a mãozinha delicada, viu que ela estava cortada, mas nem percebeu tamanho era seu contentamento em poder presentear a sua professora, e, assim, lhe entrega, sorridente, o presente. Com certeza, esse deve ter sido um dos maiores presentes que ela, como educadora, ganhou de um aluno. Tudo é ensinamento sobre a criança e a infância nas *Crônicas de Educação* de Cecília Meireles (2001, Vol. 1 – 5).

Sua memória, seu universo de criança, sua infância, triste para muitos, mas linda para ela porque cheia da presença dos que marcaram sua vida e a protegeram, cheia da presença do Sagrado. Sua vida de estudante, professora, diretora, poeta, jornalista e mãe foi intensa e cheia de aprendizados e superações. Cecília criou, nos anos 30 do século XX, a primeira *Biblioteca infantil do Brasil* em 15/08/1934, que foi fechada pelo governo de Getúlio Vargas em 1937.

Não menos ensinante sobre a infância foi o escritor Graciliano Ramos (2008) na sua obra *Infância* e em tantas outras, conhecidas do público brasileiro e também ao contar as histórias populares que povoaram seu imaginário e buscar recontá-las através de algumas lições. Ele conta, por exemplo, o caso da criança educada por pais rígidos que tinha métodos rigorosos de correção. Eram o alvo desse rigor as crianças, “educadas” com beliscões, tapas, e coques na cabeça entre outros “métodos pedagógicos”... Mas, como qualquer outro ser humano, uma criança agredida deseja revidar as agressões sofridas. Por isso, numa crônica, ele conta a respeito de castigos dos adultos e seus revides pela criança. Cita, por exemplo, o caso da criança que colocou querosene no rabo de um gato para chamar a atenção – castigar – o adulto malvado que fazia coisas consideradas erradas, inaceitáveis. A criança errou, mas tentou dizer para o adulto sobre o erro cometido por ele, tão feio e indecoroso como queimar o rabo de um gato inocente e desprotegido.

Chama atenção sobre a infância, o poeta filósofo Gaston Bachelard, que considera primordial “reconhecer a permanência, na alma humana, de um *núcleo da infância*, uma *infância imóvel*, mas sempre viva, fora da história, oculta para os outros, disfarçada em história quando a contamos...” (BACHELARD, 1996, p. 94, grifos meu). Isso significa dizer que nós não estamos na infância, mas a infância está em nós, que cada um carrega a infância que teve, que cada um a colore

de acordo com o vivido, que cada um concebe uma infância de acordo com sua compreensão de infância, a que viveu ou a que gostaria de ter vivido.

Jeremiah Abrams (1999), organizador da obra *O reencontro da criança interior*, uma obra com vários textos e autores que narram sobre a sobrevivência na psique de uma criança interior. Essa criança interior vive em nós, nos acompanha até o fim de nossas vidas, sendo, por isso, fundamental alimentá-la e cuidar de suas feridas da infância. Na verdade, cuidando delas, estamos, no fundo, cuidando de nós mesmos ou das “benesses” que ela nos apresentou. Bachelard (1996, p. 95) pontua que “As imagens da infância, imagens que uma criança pôde fazer, imagens que um poeta nos diz que uma criança fez, são para nós manifestações da infância permanente”. Por isso,

...não podemos amar a água, amar o fogo, amar a árvore sem colocar neles um amor, uma amizade que remonta à nossa infância. Amamo-los com a infância. Todas essas belezas do mundo, quando as amamos agora no canto dos poetas, nós as amamos numa infância redescoberta, numa infância reanimada a partir dessa infância que está latente em cada um de nós. (BACHELARD, 2009, p. 121).

O filósofo, sociólogo e ensaísta, Theodor Adorno (1995), na obra *Educação e Emancipação* (1959-1969) nos três últimos capítulos, nos provoca a pensar sobre a educação da infância, quando nos desafia com a seguinte pergunta: *Educação para quê?* Educação para uma não modelagem, nem transmissão, e depois lança um outro desafio: *Por que e para que educamos nossas crianças?* Isso nos faz pensar na educação que queremos para nossas crianças, que educação consideramos relevante para elas, que imagem de criança temos e queremos ter na nossa sala de aula.

Nesse contexto, cabe nos desafiar, enquanto educadores, perguntando para nós mesmos: Que infância pode ser considerada uma infância feliz ou uma infância protegida? Qual o significado e a dimensão da dor de uma infância despedaçada? Que tipo de educação defendemos como prioridade para nossas crianças? Que criança vislumbramos como adultos no futuro, considerando os avanços da tecnologia e da comunicação sem limites na atualidade? Que tipo de criança vislumbramos quando pensamos na questão da infância, do direito à ser criança e de ter uma infância?

Certamente, se faz necessária uma Educação contra a barbárie, contra o cultivo do ódio, do fascismo, do fanatismo, do racismo, do impulso de destruição, da violência, da agressividade. A violência vivida, hoje, pelas crianças é uma barbárie que não pode ser silenciada, ignorada. É urgente, então, educar para desbarbarizar, educar para desacostumar as pessoas de darem cotoveladas; desacostumá-las da provocação gratuita, da competição armada e acirrada, porque as crianças são seres inteligentes que escutam e veem nossos erros, nossas falhas e nossos defeitos; educar para repensar a divisão do trabalho que divide os seres humanos em grupos discriminados

e que, por isso, devem ficar distantes e separados uns dos outros. Cito, como exemplo, o filme *Que horas ela volta?* (2015); filme brasileiro, drama/comédia, com 1 hora e 54 minutos de duração, dirigido por Anna Muylaert e estrelado por Regina Casé, que mostra bem o adulto que coloca como prato principal, na mesa de refeição dos valores, o preconceito, a discriminação, a inveja, a falta de honestidade e a ingratidão pelo trabalho fiel e amoroso da empregada doméstica que dedicou sua vida para servir bem aos patrões, que amou, como seu, o filho do patrão, que o protegeu e cuidou. *Educação para a emancipação* significa educar para superar esse *apartheid* das classes sociais, porque, se não educamos para a emancipação, não estamos educando com foco na democracia, contra o fascismo, racismo, xenofobia, preconceito racial, étnico, de identidade social, religioso e tantos outros.

A emancipação, hoje, é um problema mundial, dado que nenhuma emancipação 'vacina' o sujeito para não cair em engodos, para não fracassar com o próprio ódio e preconceito, com as mazelas que lhe afrontam a estima e seus valores pessoais e humanos. Por isso, o alerta de Adorno (1995) pode ser entendido como um processo contínuo e de vigilância contra o que nos deseduca e nos deixa cair na 'vala comum' da discriminação e violência contra o outro e contra nós mesmos. Em vista disso, a educação tem que ser contínua como a vida. Deve-se educar para combater o uso da força física, que pode estar presente até nas brincadeiras, como, novamente, nos alerta Adorno (1995).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A infância, hoje, é motivo de preocupação mundial. O desejo é que, em qualquer lugar do planeta, uma criança seja uma criança e que também um adolescente seja um adolescente. É urgente uma educação que colabore para desmistificar a falsa credence de que criança pobre deve trabalhar para não se perder na tentação, que criança pobre não tem opção, que criança pobre pode ser escravizada em postos de trabalhos, que o trabalho tira a criança pobre das ruas, das drogas, da violência, que a criança pobre não tem infância, que a criança pobre é objeto de exploração porque é pobre.

Necessário se faz pensar na proteção da criança independentemente de sua condição social, porque criança bem-nascida também sofre humilhação, sofre exploração e sofre violação. Precisamos pensar na infância como uma fase da vida em que a criança tem direito, sim, à proteção, a expressar sua opinião, a demonstrar seus sentimentos, a aprender a educar-se, no lar e na escola, sem ser subjugada, ofendida, rotulada, desprezada ou ridicularizada pela aparência, pela cor da pele,

pela íris dos olhos, pelo cabelo, tipo de vestimenta, modo de se expressar, gosto pelas cores, odores, tipo de comida e outros aspectos da vida.

Faz parte da educação, combater o discurso de ódio contra a escola, especialmente a escola pública, a escola de todos e a escola que tem um compromisso com a democracia, também valorizar o trabalho constante e contínuo do servidor público em prol dos trabalhadores e de seus filhos, os assalariados e os desempregados. É preciso um trabalho grandioso para que a escola pública e a privada possam conquistar a qualidade e o reconhecimento de seu papel social, cultural, histórico e humano.

Pode-se educar para o não sucateamento do espaço público – espaço formativo da maioria da sociedade – para a valorização dos profissionais da Psicologia em todas as escolas, a valorização dos educadores da escola pública ou privada, a valorização de todos que trabalham nas escolas, para uma educação de qualidade para as classes mais pobres e empobrecidas, que a escola seja um dos melhores e mais seguros lugares para uma criança sentir-se livre de incômodos e segura em sua trajetória de aprendizados. É preciso amar a criança como se fosse única e a última criança do planeta, amar a infância como se fosse a única forma de curar o planeta dos males que acometem os adultos e os cega como condutores das crianças.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMS, Jeremiah (Org.). **O reencontro da criança interior**. São Paulo: Cultrix, 1999.
- ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Tradução Wolfgang Leo Maar. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ARPEN BRASIL - Associação Nacional dos Registradores Civis de Pessoas Naturais. “**Mais de 80 mil crianças foram registradas sem o nome do pai**”. Disponível em: <[https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/09/interna\\_gerais,1174535/mais-de-80-mil-criancas-foram-registradas-sem-o-nome-do-pai-em-2020.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/09/interna_gerais,1174535/mais-de-80-mil-criancas-foram-registradas-sem-o-nome-do-pai-em-2020.shtml)>. Acesso em 30/08/2020.
- BACHELARD, Gaston. **O racionalismo aplicado**. Tradução Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.
- BACHELARD, Gaston. **A poética da devaneio**. Tradução Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

BAUMAN, Zygmunt. **Vidas Desperdiçadas**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros feita a partir de *Wasted Lives (Modernity and Outcasts)*, edição inglesa publicada em 2004 por Polity Press, Cambridge, Inglaterra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. Tradução, apresentação e notas Marcus Vinicius Mazzari. São Paulo: Duas cidades /Editora 34, 2002.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. Tradução Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 2009.

BENJAMIN, Walter. **A hora das crianças**: Narrativas radiofônicas. Tradução Aldo Medeiros. Rio de Janeiro: Nau editora, 2015.

DAGOGNET, François. **Bachelard**. Tradução Alberto campos. Lisboa: Edições 70, 1986.

FANON, Franz. *Os condenados da Terra*. 2. ed. Tradução José Laurênio de Melo e prefácio de Jean-Paul Sartre. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1979.

FONTANA, Isabel C. R. da Cunha. **Crianças e adolescentes nas ruas de São Paulo**. São Paulo: Loyola, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia dos sonhos possíveis**. São Paulo: Paz e Terra, 2014a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014b.

IBGE. **Mais de 80 mil crianças foram registradas sem o nome do pai**. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/09/interna\\_gerais,1174535/mais-de-80-mil-criancas-foram-registradas-sem-o-nome-do-pai-em-2020.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/08/09/interna_gerais,1174535/mais-de-80-mil-criancas-foram-registradas-sem-o-nome-do-pai-em-2020.shtml)>. Acesso em 20/08/2020.

IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), 2018. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=o-que-e>>. Acesso em 20/08/2020.

IBGE/PNAD, 2016. **Trabalho infantil:** mais de 20 milhões de crianças realizavam tarefas domésticas. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/18384-trabalho-infantil-mais-de-20-milhoes-de-criancas-realizavam-tarefas-domesticas>>. Acesso em 20/08/2020.

JAEGER, Werner. **Paideia:** A formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Marins Fontes, 2013.

MAGENTA, Matheus; ALEGRETTI, Laís. “**Brasil registra 6 abortos por dia em meninas entre 10 e 14 anos estupradas**”. BBC News, Brasil/Londres, 17/08/2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/08/17/brasil-registra-6-abortos-por-dia-em-meninas-entre-10-e-14-anos-estupradas.ghtml>>. Acesso em 30/08/2020.

MEIRELES, Cecília. **Giroflê, Giroflá.** 7.ed. São Paulo: Moderna, 1981

MEIRELES, Cecília. **Olhinhos de gato.** 3.ed. São Paulo: Moderna, 1983.

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Educação** (Vol I - V). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MUYLAERT, Anna. **Que horas ela volta?** Filme brasileiro, drama/comédia, com 1 hora e 54 minutos de duração, 2015.

RAMOS, Graciliano. **Infância.** Rio de Janeiro: MEDIA fashion, 2008. Coleção Folha Grandes escritores Brasileiros.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Tradução Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira; GALVÃO, Gláucia, Gonzaga. As tramas e trilhas da arte, do imaginário e da educação nas denúncias radiofônicas de Walter Benjamin. **International Studies on Law and Education**, 31/32, p. 115-122 jan-ago 2019 CEMOrOc-Feusp/IJI-Univ. do Porto.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. **O thambos ou sentimento da presença do invisível na poética da infância de Henri Bosco**, p. 91-110. In: KUREK, Deonir; SCHROEDER, Tânia

Maria Rechia (Orgs.). *Imaginar: uma constelação de estudos sob a ótica do imaginário*. Uberlândia: Navegando Publicações, 2019.

SOUZA, Marina Duarte de. “*Estatuto da Criança e do Adolescente faz 30 anos sob ataque e sem completa efetivação*”. **Brasil de Fato**, São Paulo, 13/07/2020. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2020/07/13/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-faz-30-anos-sob-ataque-e-sem-completa-efetivacao>>. Acesso em 28/08/2020.

UNICEF. **Homicídios de crianças e adolescentes**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/homicidios-de-criancas-e-adolescentes>>. Acesso em 12/10/2020.